

Ms. 12558 Col. 35

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 35

George V e a Rainha Mary

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL
Praça dos Restauradores, 24

1917



George V

George V nasceu em 1865 e tinha perto de 40 anos quando seu pai, Eduardo VII, subiu ao trono. George V teve a rara vantagem de chegar á idade viril sem as influencias coercivas a que são sujeitos reis e imperadores em perspectiva. Os seus primeiros anos, tão afastados do seu grande destino futuro, foram como a mocidade de qualquer dos seus subditos; vemo-lo, na luz daqueles dias, na companhia cheia de vigor e animo de marinheiros como ele. Os que o conheceram na vida maritima franca e intima viam nele um homem honrado, modesto, e no seu melhor sentido, um verdadeiro sportsman. Olhava a lase social e menos importante da vida como restricta, localisada, e durante bastantes anos o mar foi a sua patria. Uma vez marinheiro, sempre marinheiro, quando George V fez a sua grande visita imperial á India, os indigenas que acorriam aos milhares para o verem, diziam atonitos que parecia o comandante duma grande nau.

Nunca se chega a ser um caçador afincado de caça grossa sem pôr em pratica a austeridade e abnegação requeridas nas ordens religiosas severas. Pede paciencia e coragem; o olhar claro e uma obediencia rigorosa. E' preciso

afrontar todas as inclemências, passar horas na neve ou exposto a um sol ardente, contentar-se com a mais parca e simples alimentação, vida que imprime na fisionomia do caçador um olhar de concentração. Rodeado de tudo quanto a vida pode oferecer de abundância, conforto e prazer, livre de toda a rotina fatigante a que tem de submeter-se o herdeiro ao trono, George V escolheu este rumo de vida simples e arduo.

Os seus primeiros sonhos nada tinham com o governo dum vasto imperio pelo qual tinha só o orgulho simples e natural de qualquer dos seus subditos; passou por elle o animo da nova geração e dos reformadores. Safa de vez em quando da reclusão da sua escolha para dizer o que sentia, provando assim que no seu character vivia o espirito moderno. Fazendo um discurso no Guildhall em 1906, depois do seu regresso da India, com uma ausencia perfeita de convencionalidade monarchica, tocou no assunto do governo britannico daquelle Imperio. «Julgando pelo que tenho ouvido e visto, não posso deixar de chegar á conclusão que seria muito mais facil a tarefa de governar a India se da nossa parte infundissemos nela maior elemento de simpatia. Posso assegurar que esta simpatia seria correspondida abundantemente e com toda a sinceridade.»

E agora o destino impoz-lhe a tarefa de governar num reino que está envolvido na maior luta de toda a sua historia guerreira. Pela memoria dos seus mortos, reis e prelados, marinheiros, poetas e sabios, vive a gloria do

passado da Inglaterra; e a estes anais acrescentam-se dia a dia novos feitos heroicos que excedem e rivalisam os do passado. Um homem irresoluto, ou que se entregue aos prazeres da vida, não poderia resistir a tal tempestade; porém George V disciplinou-se no mar e nas montanhas agrestes. Nunca se poupou.

Eis a base da autoridade que exerce sobre o seu povo. Os seus subditos vêem nele o homem mais que o rei; acreditam que elle sente ainda a influencia inspiradora, madurecida e fortificada, dos seus primeiros sonhos, pronto a tomar parte como obreiro na importante tarefa futura da reparação mundial.



A Rainha Mary

As primeiras recordações que a maior parte dos seus subditos tem da rainha Mary datam do tempo quando ella era princeza Victoria Mary de Teck, ou mais familiarmente a «princeza May». Todos se recordam que ella estava para casar com o duque de Clarence, herdeiro do trono, e que esse casamento, que parecia tão auspicioso, não veio a realisar-se porque o principe falleceu na idade de 28 anos. George V, então duque de York, achava-se nos altos mares seguindo a sua carreira de marinheiro; a historia da sua afeição romantica pela princeza May só se tornou publica ao annunciar-se o seu proximo casamento.

A 6 de maio de 1910, George V e a rainha Mary foram coroados em Westminster Abbey. Viu-se desde logo que a rainha tomava muito a serio a responsabilidade dos deveres do seu alto cargo. Mantendo uma certa etiqueta, em cuja efficacia ella tinha fé, a joven rainha conservou as tradições da rainha Victoria, as quaes exerceram sobre o povo como que um feitiço durante o seu longo reinado. A vida domestica da rainha Victoria era duma grande simplicidade; os quartos destinados a seus filhos não eram mais luxuosos que os dos seus subditos da classe

média. A rainha Mary adoptou o mesmo sistema de restrições, e tem na verdade grande semelhança de character com a rainha cujo nome herdou. Tem seis filhos: Eduardo, principe de Galles, Alberto, Mary, Henrique, Jorge e João.

A rainha Mary não se mostra atraída por idéas modernas avançadas; é de todo o ponto pratico o interesse que toma no que diz respeito ao melhoramento de condições para a mulher. Assim que caiu sobre Inglaterra o cargo da guerra, a rainha compreendeu a enorme importancia duma organização central; começou e nunca mais abandonou a tarefa de fornecer agasalhos aos soldados nas trincheiras. Poude dar um exemplo pratico aos seus subditos por já possuir os requisitos para o posto que assumia. O seu dom de concentração e de aperfeiçoamento nos negocios simples da vida, conferiu-lhe não uma chefia nominal, mas verdadeira, na organização necessaria do enorme exercito de mulheres desejosas de prestar serviços, dedicando á obra o seu trabalho e as suas energias. Abriram-se em todas as cidades da Inglaterra as Oficinas da Rainha, que serviam de centros para fornecer trabalho ás obreiras voluntarias que não dispõem de muito tempo, ou que por falta de saúde ou qualquer outro motivo, não podem encarregar-se de trabalhos que requerem actividade. Servem de corporação para as mulheres «que traballiam na sombra.»

Compreendendo logo a miseria repentina e geral que resultaria da declaração de guerra, a rainha fez no mez de agosto de 1914 um apêlo

às mulheres da Gran Bretanha para que valessem às suas irmãs menos afortunadas, contribuindo ao Fundo da Rainha cujo fito é fornecer trabalho às mulheres. Os termos do apêlo feito na ocasião de inaugurar o Fundo dá a conhecer o character pratico da rainha. «Convencida, disse, que é melhor impedir do que socorrer a miseria, e que o trabalho vale mais que a esmola, institui este «Fundo da Rainha» com o fim de fornecer trabalho ao maior numero possivel das mulheres deste reino que, por efeito da guerra, perderam o seu emprego.» Escusado é dizer que o seu apêlo teve um exito immediato e enorme. Nos primeiros tempos da guerra — 1914-15 — a rainha deu tambem o seu auxilio pratico e cordial aos belgas refugiados em Inglaterra que fugiam espavoridos aos horrores que desolavam a sua patria.

A rainha fere uma nota de gravidade e de autoridade, inspirando uma confiança que não pode existir sem esses predicados. Pela simplicidade da sua vida domestica, achava-se preparada para dar um exemplo ao seu povo quando a guerra veiu impôr novas condições na vida de todos.

Uma boa definição do sentimento que a rainha inspira vem expressa no comentario duma mulher robusta com uma creança ao colo que se achava entre a vasta multidão reunida para a saudar no seu caminho para Queen's Hall onde ia inaugurar uma exposição de trabalhos femininos insufficientemente pagos. «O que a mim me agrada nela é que é, em todo o sentido,

mulher.» A sua força moral baseia-se não em funções sociais ou na ostentação passageira da realeza, porém na vida domestica; é reconhecida por todo o seu povo a felicidade domestica do rei George V e da rainha Mary.

Para formar uma idéa adequada da rainha é preciso vê-la num hospital ou nalgum dos muitos centros organizadores de que ella é presidente em Londres, ou nas crèches onde o seu interesse pratico no melhoramento das condições em que vivem as creanças é dum valor incalculavel. No momento actual cessaram todas as festas da côrte que exigiam grande parte do seu tempo; a rainha Mary achia-se á frente duma enorme obra systematica que aproveita o zelo e a energia, os quais, aliás, perderiam a vantagem do esforço concentrado.